

A INSTRUMENTALIZAÇÃO POLÍTICA DO FUTEBOL NAS RELAÇÕES INTERNACIONAIS

Mário Augusto dos Santos

**Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais
Universidade Estadual do Rio de Janeiro – UERJ**

e-mail: mariojoplin@yahoo.com

Introdução

Tradicionalmente, no contexto das relações internacionais, a capacidade de se obter determinados objetivos almejados vem associada à posse de elementos tais como força militar, vigor econômico, população, recursos naturais, estabilidade política e território, o que, de forma simplista, caracteriza a definição de poder, segundo o paradigma realista das Relações Internacionais.

Todavia, cumpre registrar que pensar as relações internacionais não significa somente analisar as dimensões política, social e econômica do sistema internacional. Posto que tais dimensões sejam consideradas relevantes, não se deve ignorar, contudo, o papel da dimensão cultural nas relações entre os Estados, tendo em vista que a cultura passa, cada vez mais, a ser um elemento de poder extremamente importante para os Estados.

Consoante esta ótica, e considerando que na atual conjuntura o poder militar e poder econômico não são, doravante, os mais usuais e únicos recursos de poder a serem utilizados pelos Estados em suas relações internacionais, o *soft power*¹, que se embasa em larga escala na força cultural de um país, vem exercendo um papel cada vez mais significativo nas relações internacionais. Nesse sentido, ao fazer uso da força cultural de um país, a cooptação seria a tônica, ou seja, de acordo com Nye:

“Na política mundial, é possível que um país obtenha os resultados que quer porque os outros desejam acompanhá-lo, admirando seus valores, imitando-lhe o exemplo, aspirando ao seu nível de prosperidade e liberdade (...). O *soft power* emana em grande parte de nossos valores.

¹Conceito cunhado por Robert Keohane e Joseph Nye, presente no livro denominado *Power and Interdependence*, publicado por ambos os autores em conjunto. Alguns preferem traduzir o termo para poder brando. Penso, contudo, ser a denominação original a mais adequada.

0020 - Mário Augusto dos Santos

Valores que se expressam na nossa cultura, na política que adotamos internamente e no modo como nos comportamos internacionalmente.”²

Destarte, tendo em mente a grande importância adquirida pela cultura nas relações internacionais, haja vista que inúmeros países cada vez mais se utilizam de suas potencialidades culturais como ferramenta diplomática, afirma Soares que:

“Com a importância adquirida pelos meios de comunicação na criação e transmissão de imagens, muitos países vêm implementando estratégias diplomáticas para atrair a atenção internacional sobre suas riquezas e potencialidades culturais, econômicas e naturais. Na construção dessa imagem tem importância decisiva o patrimônio cultural do país, além de suas riquezas naturais, do dinamismo de sua economia e de seu desenvolvimento tecnológico. O prestígio cultural de um país é um componente básico do *soft power*, cuja importância é fundamental para construção de uma imagem internacionalmente favorável aos interesses nacionais.”³

Nesse contexto, o futebol assume papel decisivo nas relações internacionais na medida em que se encontra, frequentemente, atrelado a elementos de poder e vem sendo, constantemente, utilizado por inúmeros países como forma de garantir maior inserção internacional, prestígio e visibilidade na arena mundial, haja vista os objetivos implícitos que permeiam as competições esportivas internacionais de relevância, tal como a Copa do Mundo.

No entender de Milza, o futebol, sem embargo, o esporte mais praticado em todo o mundo, apresenta as seguintes particularidades:

“Fenômeno de massa, estendido em nossos dias à escala planetária, perpassado por todas as ideologias do século, indicativo do poder e do declínio das nações, revelador e manipulador do sentimento público, integrado às estratégias ofensivas e defensivas dos Estados, substituto da guerra e instrumento da diplomacia, o esporte encontra-se no centro da vida internacional e sua história não pode ser separada das relações internacionais⁴”.

Em suma, o presente artigo procura abordar que o entrelaçamento político-futebolístico nas relações internacionais pode ser vislumbrado mediante os seguintes aspectos: o aspecto negativo, ou seja, sendo o futebol utilizado como móvel, mote e meio de propagandas nacionalistas, de teatro de peças públicas, de palanque de discursos populistas e

²NYE, J. O Paradoxo do Poder Americano. São Paulo: UNESP, 2002, p 36/37.

³SOARES, MARIA S. A. A Diplomacia Cultural no Mercosul. In *Revista Brasileira de Política Internacional*. Brasília: Volume 51 (1), 2008, p56.

⁴Milza, P. Sport et Relations Internationales. *Relations Internationales*. Paris/Genebra: CNRS, n 38, mar/jul. 1984.

0020 - Mário Augusto dos Santos

de plataforma de pretendido domínio ideológico; e o aspecto positivo, ou seja, o futebol como instrumento e cenário de divulgação institucional dos países, de perspicaz formação de imagem externa, de pacificação e de conagraçamento mundial.

A se ressaltar, também, a importância do futebol para a política externa brasileira, na medida em que um maior protagonismo no cenário mundial pode advir do envolvimento ativo da diplomacia brasileira nas ações de pacificação mundial e resgate social da ONU ancoradas no futebol.

O Futebol como Aglutinador e Formador da Identidade Nacional

Pode-se constatar, mediante análise do universo futebolístico, que o futebol é utilizado de forma recorrente como um pendão dos povos, no intuito de despertar nos indivíduos um sentimento de identidade nacional, um pulsar patriótico incontestável. Nas palavras do brilhante Nelson Rodrigues: “o futebol é a pátria de chuteiras”.

Analisando-se o nacionalismo que emerge na Europa a partir de 1918, observa-se que esse está além daquele das tradicionais disputas de fronteiras, de eleições ou plebiscitos, e de necessidades lingüísticas, visto que, a partir de então, a identificação nacional encontra novas formas de se expressar nas sociedades modernas, sendo o futebol uma dessas novas formas a merecer destaque. Posteriormente, no entre guerras, o futebol como espetáculo de massa foi transformado em uma sucessão infindável de contendidas, nas quais indivíduos que simbolizavam suas respectivas nações se digladiavam.⁵

Dessa forma, segundo Hobsbawm:

“Entre as guerras (...) o esporte internacional tornou-se, como George Orwell logo notou, uma expressão de luta nacional, com os esportistas representando seus Estados ou nações, expressões fundamentais de suas comunidades imaginadas. Foi nesse período que (...) a Copa do Mundo foi introduzida no meio futebolístico (...) O que fez do esporte um meio único, em eficácia, para inculcar sentimentos nacionalistas, de todo modo só para os homens, foi a facilidade com que até mesmo os menores indivíduos políticos ou públicos podiam se identificar com a nação, simbolizada por jovens que se destacavam no que praticamente todo homem quer, ou uma vez na vida terá querido: ser bom naquilo que faz. A imaginária

⁵HOBBSAWM, E. Nações e Nacionalismo desde 1870: programa, mito e realidade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

0020 - Mário Augusto dos Santos

comunidade de milhões parece mais real na forma de um time de onze pessoas com nome. O indivíduo, mesmo aquele que apenas torce, torna-se o próprio símbolo de sua nação⁶”.

Fato curioso a ilustrar tal sentimento nacional é o narrado por Hobsbawm, e que se passa quando o historiador era apenas uma criança:

“O autor se lembra quando ouvia, nervoso, à transmissão radiofônica da primeira partida internacional de futebol entre a Inglaterra e a Áustria, jogada em Viena em 1929, na casa de amigos que prometeram descontar nele se a Inglaterra ganhasse da Áustria, o que, pelos registros, parecia bastante razoável. Como o único menino inglês presente, eu era Inglaterra, enquanto eles eram Áustria. (Por sorte a partida terminou empatada.) Dessa maneira, crianças de doze anos ampliavam o conceito de lealdade ao time para a nação⁷”.

Na visão de Boniface – que investiga a relevância que o futebol tem na formação de diversas nacionalidades, especialmente no que tange à crise no final dos anos oitenta no Leste Europeu – torna-se mais fácil à população de um Estado mobilizar-se por sua respectiva equipe nacional de futebol do que pela criação de uma embaixada na Organização das Nações Unidas (ONU).⁸

Ao vislumbrarmos a questão da formação da identidade nacional brasileira e sua relação com o futebol, inegavelmente o maior aglutinador do sentimento pátrio na sociedade brasileira, haja vista a comoção geral que causa na população durante uma Copa do Mundo, assevera Damatta que:

“No caso brasileiro, foi indiscutivelmente através do futebol que o povo pode, finalmente, juntar os símbolos do Estado Nacional (a bandeira, o hino e as cores nacionais), esses elementos que sempre foram propriedade de uma elite restrita e dos militares, aos seus valores mais profundos. Ainda é o futebol que nos faz ser patriotas, permitindo que amemos o Brasil sem medo da zombaria elitista que, conforme sabemos, diz que se deve gostar somente da França, da Inglaterra ou dos EUA e jamais de nosso país (...) foi, portanto, só com o futebol que conseguimos, no Brasil, somar Estado nacional e sociedade. E, assim fazendo, sentir, pela avassaladora e formidável experiência de vitória em três Copas do Mundo (hoje, cinco. Torço eu para que sejam seis em breve), a confiança na nossa capacidade como povo criativo e generoso. Povo que podia vencer como país moderno, que podia, também, finalmente, cantar

⁶HOBSBAWM, E. Nações e Nacionalismo desde 1870: programa, mito e realidade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002. Página 171.

⁷Idem.

⁸BONIFACE, P. Football et Mondialisation. Paris. Armand Colin, 2006.

0020 - Mário Augusto dos Santos

com orgulho o seu hino, e perder-se emocionado dentro do campo verde da bandeira nacional⁹”.

Assim como Damatta, Fernandes elabora uma importante análise sobre a construção da identidade nacional no Brasil, tendo como sustentáculo o futebol. Segundo ele:

“Para além das paixões clubísticas, a democratização da prática do futebol, materializada na ascensão de jogadores negros e mestiços, permitiu que esse esporte viesse a ocupar posição central na construção da identidade nacional. Na ausência de um maior envolvimento brasileiro em guerras – matéria-prima para construção de fronteiras de identidade na formação dos estados nacionais unificados da Europa – o futebol forneceu um simulacro de conflito bélico para o qual era possível canalizar emoções e construir sentidos de pertencimento nacional. Do Estado Novo de Getúlio ao regime militar, passando pela República Democrática instalada em 1945, todos os regimes que governaram o Brasil durante o seu ciclo nacional-desenvolvimentista exploraram a chave do futebol para ajudar a construir e consolidar a nossa identidade nacional. Em oposição ao racismo aberto das velhas oligarquias, o novo discurso oficial passou a valorizar a mestiçagem, associando-a aos sucessos de uma ‘escola brasileira’ de futebol, marcada pela criatividade, flexibilidade, informalidade e sensibilidade plástica¹⁰”.

Destarte, partindo-se do pressuposto que o futebol é extremamente relevante para ser considerado apenas um mero jogo, pode-se, sem embargo, observar o lócus de destaque que o mesmo ocupa no contexto contemporâneo. No que tange às relações internacionais, deve-se ressaltar que entrelaçamentos político-futebolísticos tendem a aflorar-se em acentuada profusão, tornando o futebol veia propulsora de afirmação nacional, berço de propaganda ideológica e, especialmente, matéria de pauta diplomática.

O Futebol Como Recurso de Poder

Poucos são os que, na ingenuidade da infância, não fantasiavam serem ídolos futebolísticos. Em suas brincadeiras, o que importava era o sonho da fama e reconhecimento de todos. Mesmo durante esta fase da vida, o futebol, que agia como um esporte que pregava a integração e cooperação em prol de um objetivo comum, também funcionava como um

⁹DAMATTA, R. Antropologia do Óbvio. Revista USP. São Paulo: USP, número 22, p.10, jun./ago., 2004.

¹⁰FERNANDES, L. M. Futebol, Racismo e Identidade Cultural. In: VAREJÃO, F. B. *Esporte e Relações Internacionais: Análise da Não Adesão do Brasil aos Boicotes aos Jogos Olímpicos de Moscou (1980) e Los Angeles (1984)*. Dissertação de Mestrado em Relações Internacionais. Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2006.

0020 - Mário Augusto dos Santos

meio de obter prestígio e reconhecimento, na medida em que aqueles que fossem considerados os melhores sempre teriam mais prestígio perante os demais, o que, certamente, seria garantidor de vantagens exclusivas.

Sendo o raciocínio acima descrito válido diante de crianças ingênuas, mas que, mesmo de forma inconsciente, assim procedem, o que dizer ao se ampliar esta lógica para o cenário internacional, onde os países procuram obter posições mais relevantes no sistema internacional?

Destarte, tendo em vista que a política externa define-se como o conjunto de ações e decisões de um determinado ator – no caso aqui considerado, o Estado – em relação a outros Estados ou atores externos, e é formulada a partir de oportunidades e demandas de natureza doméstica e/ou internacional, pode-se inferir que, consoante esta definição, ela se trata da conjugação dos interesses e ideias dos representantes de um Estado sobre a inserção internacional do mesmo, balizada por seus respectivos recursos de poder¹¹. Isto posto, cumpre registrar que o vetor futebolístico, no que concerne à prática da política externa, propicia oportunidades ímpares – sendo o futebol um grande recurso de poder – embasadas na utilização de certa vantagem comparativa que possibilita reconhecer, claramente, a imagem dos países no cenário internacional.

Destacando-se alguns relatos presentes em livro editado em 1958, comemorativo da primeira conquista da Copa do Mundo pelo Brasil, nota-se, já àquela época, o entrelaçamento entre futebol e política. Segundo palavras de Paulo Machado de Carvalho, chefe da delegação brasileira na Copa do Mundo de 1958:

“Na Suécia tivemos duas equipes de dirigentes, uma que cuidava dos jogadores e outra que cuidava da diplomacia. Seu trabalho se desenvolveu quase todo nos bastidores e junto à FIFA ou no congresso, pouco contácto mantendo com os craques. O grupo diplomático, se assim o podemos chamar, era constituído pelo Dr. Ramos de Freitas, que na qualidade de alto paredro da Confederação Sulamericana cuidou dos interêsses do futebol continental e graças à sua energia tivemos a eleição do Dr. Luiz Murgel para a Comissão de Organização, no lugar do uruguaio Villizio que a FIFA, ou por outra os paredros europeus, queriam manter no cargo, o que causou estranheza no grupo sulamericano, que afinal fez valer sua autoridade vingando o nome daquele dirigente brasileiro.¹²”

¹¹LETÍCIA, P. Política Externa Brasileira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2004.

0020 - Mário Augusto dos Santos

Significativa é, também, a declaração de Thomaz Mazzoni e de Lauro Luz, diretores do antigo Bureau Interamericano de Imprensa:

“Dos feitos de nossa gente, impondo o Brasil no consêrto das Nações, equiparam-se no mesmo plano a atuação de nossos intelectuais em diversos pleitos internacionais, a glória de nossos inventores e cientistas, o heroísmo dos pracinhas e demais componentes da FEB, e, no setor esportivo, demonstrando a fibra de nossa raça, as vitórias de Ademar Ferreira da Silva, de Biriba, de Ester Bueno, da formidável equipe, campeã de bola ao cesto, e a conquista do ambicionado galardão do futebol mundial, a TAÇA JULES RIMET, arrebataada pelo valoroso selecionado, que foi orientado e dirigido por uma equipe de especialistas, sob a chefia de Paulo Machado de Carvalho.¹³”

Deve-se ressaltar, também, a utilização do futebol como veículo de propaganda de regimes ditatoriais, o que se pode constatar, de forma clara, durante as Copas do Mundo de 1934 e 1938 (vencidas pela Itália, a esta época sob o comando de Mussolini), a Copa do Mundo de 1978 (realizada e vencida pela Argentina, Copa essa que até hoje possui capítulos sem explicação, os quais envolvem casos de doping e suborno) e a Copa do Mundo de 1970, na qual o Brasil sagrou-se tricampeão mundial. Quanto a essa última, adquiriu notoriedade a música de incentivo à equipe brasileira, na qual, ao gosto do regime militar vigente, se proclamava a união em prol do regime:

“90 milhões em ação, pra frente Brasil, salve a seleção! Todos juntos vamos, pra frente Brasil, do meu coração. De repente é aquela corrente pra frente, parece que todo Brasil deu as mãos. Todos ligados no mesmo refrão, tudo é um só coração. Todos juntos vamos, pra frente Brasil, Brasil, do meu coração. Todos juntos vamos, pra frente Brasil, Brasil, salve a seleção!¹⁴”.

Se, por um lado, o futebol é utilizado como elemento de poder nas relações internacionais e representativo da afirmação de poder do Estado, da competição entre nações, raças e ideologias, ou seja, na luta política pela afirmação e projeção dos interesses nacionais. Por outro, também engendra esforços visando à manutenção da paz no cenário internacional, para o que concorrem, conjuntamente, a Federação Internacional de Futebol Associado

¹²BUREAU INTERAMERICANO DE IMPRENSA. Ano de Ouro do Esporte Brasileiro. São Paulo, 1958. p. 31. Obs.: transcrevo, aqui, literalmente e sem nenhuma modificação, o relato acima de acordo com a ortografia do Português vigente àquela época.

¹³BUREAU INTERAMERICANO DE IMPRENSA. Ano de Ouro do Esporte Brasileiro. São Paulo, 1958. p. 6. Obs.: observada a ortografia vigente à época.

¹⁴Hoje já são bem mais do que 90 milhões, mas o espírito de união do brasileiro é muito mais forte em prol do futebol do que para se questionar as mazelas que vêm se tornando comuns na sociedade.

0020 - Mário Augusto dos Santos

(FIFA) e a ONU. No tocante a esse ponto e como exemplo inquestionável da atuação diplomática do Brasil – embasada nas prerrogativas da política externa brasileira de defesa da paz e de solução pacífica de conflitos – destaca-se a realização de um amistoso da seleção brasileira de futebol, em 2004, no Haiti, o que configurou gesto humanitário e contribuição para o processo de paz neste país. Esse foi idealizado pelo Itamaraty, sob a anuência da Confederação Brasileira de Futebol (CBF) e da FIFA.

Com relação a este fato, assevera Vasconcellos que:

“Na visão dos segmentos do governo brasileiro mais envolvidos, inclusive o militar, o Brasil, que já liderava a Missão de Paz no Haiti, muito pode usufruir do reconhecido prestígio mundial do futebol pentacampeão e de sua força como ferramenta diplomática para os esforços de pacificação e protagonismo do país no plano internacional¹⁵”.

Pode-se citar, também, anterior à atuação brasileira no Haiti, o chamado Jogo da Paz, o amistoso realizado pela seleção brasileira em 2002, na Espanha, contra a seleção da Catalunha, objetivando, como aponta Vasconcellos, arrefecer potenciais manifestações públicas de afirmação separatista.¹⁶

Importante frisar nesta análise a ligação entre a ONU e a FIFA, órgão normativo e regulador do futebol mundial, com sede na Suíça e que conta com 208 membros, ou seja, mais países membros do que a própria ONU, que possui 192 estados-membros. Descrevendo de forma sucinta, a FIFA: impõe sanções a seus membros diante da inobservância, por parte desses, de determinado preceito por ela estabelecido e, algumas vezes, por motivos políticos, como em maio de 2002, ao discutir moção dos países árabes no sentido da exclusão de Israel das competições internacionais de futebol; patrocina amistosos internacionais, com a anuência da ONU, no intuito de contribuir para promoção da paz mundial; e é responsável pela escolha do país a sediar a Copa do Mundo, segundo motivações políticas implícitas.

Contudo, não se esgota aqui a instrumentalização política do futebol nas relações internacionais. A própria ONU, com frequência, designa renomados futebolistas – Pelé, Zidane, Ronaldo e Kaká, por exemplo – para atuarem como Embaixadores da Paz e da Boa Vontade, a fim de que estes liderem campanhas mundiais em favor da erradicação da pobreza e em prol da paz mundial.

¹⁵VASCONCELLOS, D.W. Esporte, Poder e Relações Internacionais. Brasília: FUNAG, 2008, p. 29.

¹⁶Idem, p. 10.

0020 - Mário Augusto dos Santos

Visão reinante na ONU é a de que os jogadores de futebol são embaixadores naturais, visto que o futebol é o esporte mais popular do mundo, eliminando fronteiras e unindo culturas. Na visão de Shimon Peres, presidente de Israel, os jogadores de futebol podem fazer pela paz, com os pés, muito mais do que os políticos podem fazer com a cabeça.

Ainda no que diz respeito à FIFA e à ONU, em que pese a diferença no número de estados-membros, o que está em jogo não é apenas o número de afiliados, mas sim a importância política da penetração do futebol em regiões que a ONU não teve êxito no seu reconhecimento nem na obtenção de consenso político, tal como a Escócia, associada à FIFA desde 1910, mas que não goza de reconhecimento político fora do Reino Unido.¹⁷

Considerações Finais

Tendo em vista a colossal visibilidade do futebol no mundo, bem como a repercussão internacional dos megaeventos futebolísticos – a Copa do Mundo e a *Champions League*, por exemplo –, mobilizando “corações e mentes” nos mais diversos lugares do mundo, esse, não obstante a imensa relevância do vetor financeiro que gera, tem sido largamente utilizado por inúmeros países para o espraiamento de imagens, projeção de valores e consecução de interesses. Deve-se destacar, também, que o futebol favorece e fortalece vínculos de aproximação entre os povos, o que exemplos concretos de jogos disputados em áreas de conflitos armados – tal como o amistoso disputado entre Brasil e Haiti, em 2004, no Haiti – comprova absolutamente.

Ainda segundo a ótica supracitada, o futebol contribui, acentuadamente,¹⁷ para incutir um sentimento de identidade nacional entre os indivíduos, como bem demonstra Hobsbawm em seu livro *Nações e Nacionalismo desde 1870*, ao afirmar que “a imaginária comunidade de milhões parece mais real na forma de um time de onze pessoas com nome”.

Em adição, deve-se atentar para percuciente instrumentalização política do futebol nas relações internacionais, dado sua utilização como elemento de poder no cenário internacional, seja contribuindo para projetar a imagem externa dos países, seja para propiciar visibilidade a protestos políticos e a campanhas humanitárias, tal como a luta contra o Apartheid, regime

¹⁷BONIFACE, P. *Football et Mondialisation*. Paris: Armand Collin, 2006.

0020 - Mário Augusto dos Santos

segregacionista que vigorou por bastante tempo na África do Sul, atual sede da Copa do Mundo de 2010.

Inegavelmente, o futebol brasileiro, ferramenta relevante que nossa diplomacia possui para promoção dos interesses nacionais, haja vista o apreço que ele goza em todo o mundo, devido a sua excelência, criatividade, magia e as indiscutíveis cinco conquistas mundiais alcançadas pela seleção brasileira – sem contar os títulos mundiais de clubes conquistados por inúmeros clubes brasileiros, a se destacar o Santos de Pelé e o São Paulo do falecido Têlê Santana – gera ao país uma imagem positiva no cenário mundial, bem como benefícios econômicos, comerciais e políticos. Por conseguinte, poder-se-ia afirmar, sem embargo, fazendo uma analogia a Clausewitz, que o futebol também pode ser encarado como uma continuação da política por outros meios.

Por fim, considerando-se que uma grande seleção de futebol só pode ser realmente considerada grande quando reflete em sua forma de atuar os ideais e o modo de vida do país que a produziu, cabe a nossos governantes fazerem jus a nossa seleção, procurando atuar de forma correta e respeitando os preceitos do *fair play* – ou, melhor dizendo, sendo éticos e honestos – mundialmente respeitados. Contudo, parece-me que nesse entrelaçamento do futebol com a política, o *fair play* futebolístico é algo que, infelizmente, foge dos preceitos morais da grande maioria da classe política brasileira.

Referências Bibliográficas

BONIFACE, P. Football et Mondialisation. Paris: Armand Collin, 2006.

BUREAU INTERAMERICANO DE IMPRENSA. Ano de Ouro do Futebol Brasileiro. São Paulo, 1958.

DAMATTA, R. Antropologia do Óbvio. Revista USP. São Paulo: USP, número 22, p.10, jun./ago., 2004.

FERNANDES, L. M. Futebol, Racismo e Identidade Cultural. In: VAREJÃO, F. B. Esporte e Relações Internacionais: Análise da Não Adesão do Brasil aos Boicotes aos Jogos Olímpicos de Moscou (1980) e Los Angeles (1984). Dissertação de Mestrado em Relações Internacionais. Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2006.

HOBBSAWM, E. Nações e Nacionalismo desde 1870: programa, mito e realidade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

KEOHANE, R.; NYE, J. Power and Interdependence. New York: Longman, 2000.

LETÍCIA, P. Política Externa Brasileira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2004.

MILZA, P. Sport et Relations Internationales. Relations Internationales. Paris/Genebra: CNRS, n 38, mar/jul. 1984.

NYE, J. O Paradoxo do Poder Americano. São Paulo: UNESP, 2002, p 36/37.

VASCONCELLOS, D.W. Esporte, Poder e Relações Internacionais. Brasília: FUNAG, 2008.